O mais recente relatório “Desafios contemporâneos do ensino de ciências na educação básica”, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), lança luz sobre os desafios que hoje enfrentam os sistemas educacionais para reforçar e melhorar o ensino de ciências desde os primeiros anos de formação escolar. Resultado do trabalho de uma equipe internacional de especialistas em políticas educacionais para o ensino de ciências e de matemática, o diagnóstico vai ao encontro de outros estudos internacionais, ao assinalar que a deficiência no ensino de ciências é desafio também em países com recursos e produção científico-tecnológica avançada.

Ensinar e aprender ciências no nível fundamental não é luxo para poucos ou iniciativa que só as escolas de elite podem colocar em prática. É tarefa de todas as escolas no mundo contemporâneo, o qual precisa resolver problemas como conservação do meio ambiente, redução da pobreza e melhoria da saúde. Para todas essas tarefas primordiais, são necessários cientistas.

E a formação de um cientista começa já nos primeiros anos de formação escolar. Ademais, é preciso ensinar ciências também porque elas favorecem a equidade, abrem um universo apaixonante, ensinam a pensar além do aqui e do agora, introduzem os estudantes na cultura contemporânea e convidam a sonhar com vocações e carreiras desafiadoras.

O acesso universal a uma educação científica de qualidade é um direito e a forma mais efetiva de garantir que a ciência seja um bem comum. Por isso, além de educar meninos e meninas, é indispensável investir tempo e recursos humanos e materiais na formação de professores, afiançando-os no processo de aprimoramento tanto da didática quanto do próprio conteúdo das disciplinas científicas. São os professores que têm o poder de transmitir o desafio da ciência a seus alunos. O papel de todos Estado, setor privado, sociedade em geral é ajudar nessa tarefa.

Jorge Werthein é Doutor em Educação pela Stanford University, foi representante da Unesco entre 1997 e 2005